

PRIMEIROS PASSOS
NA MÚSICA CLÁSSICA PARA
adolescentes



ORQUESTRA
*f*ILARMÔNICA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR

texto © Copyright 2012 by Ricardo Petracca

ilustrações © Copyright 2012 by Eduardo Damasceno

Coordenação editorial: Jacqueline Guimarães Ferreira

Projeto gráfico: Maurizio Manzo

Revisão: Merrina Godinho Delgado

Foto: Rafael Motta

Catálogo na Publicação (CIP)

Petracca, Ricardo
P493 Primeiros passos na música clássica para adolescentes
/ Ricardo Petracca, ilustrado por Eduardo Damasceno. -
Belo Horizonte : [Instituto Cultural Filarmônica], 2012.
(Coleção Concertos Didáticos Orquestra Filarmônica de
Minas Gerais)
32 p.: il.

1. Música – instrução e estudo 2. Música
clássica I. Damasceno, Eduardo II. Título III. Série

CDD: 780.9

Elaboração: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

PRIMEIROS PASSOS
NA MÚSICA CLÁSSICA PARA
adolescentes

ORQUESTRA
fILARMÔNICA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR





Eu achava essa coisa de orquestra meio complicada, porque não tinha um vocalista vestido com uma roupa legal e cantando algo que eu conseguisse acompanhar. Mas tudo mudou quando conheci melhor a Anninha.

A Anna é uma garota muito divertida e adora música. Ela estuda no meu colégio, na minha sala, mas só há pouco tempo descobri que ela toca numa orquestra. O mais legal que ela me ensinou é que aquela história toda de concerto ser só pra professores e entendidos não é verdade. Mas, no começo, achei meio estranho uma garota tão extrovertida gostar de música clássica. Mesmo porque eu sempre a via cantando músicas populares no coral da escola... E a Anna não só canta muito bem, mas também toca oboé – instrumento de que eu nunca tinha ouvido falar antes dela me mostrar. Fiquei curioso pra saber um pouco mais sobre este e outros instrumentos da orquestra.



Ah! Nesse meio tempo vi minha banda preferida tocar junto com uma orquestra. Todas aquelas pessoas tocando... Ficou muuuuuito legal. Teve também um filme a que fui assistir no cinema. A trilha sonora fazia toda a diferença – e era uma orquestra que tocava. Eu não sabia que música clássica é muito utilizada como trilha sonora de filmes!

Pois é, mas depois que a Anna me apresentou a orquestra e a música clássica, é como se eu tivesse descoberto um novo mundo, formado por uma infinidade de instrumentos, sons e diferentes músicas – pra todos os gostos. Fiquei tão animado que fiz até um blog pra escrever minhas descobertas. E é isso que eu quero dividir com você nas próximas páginas: minhas anotações.



- Entra neste site aí, ó! É de confiança. É um bom começo pra sua pesquisa. É aquela de Arte, não é?
- Hã? Oi, Anna. É sim. Tô aqui procurando... Não sei nada sobre orquestra!
- Você gosta de música, André?
- Gosto. Muito. Tenho minhas bandas preferidas... Mas não tenho ideia do tipo de música que uma orquestra toca... Sei lá. Acho que quem escuta é só quem entende e estuda esse tipo de música.
- E quem disse pra você que precisa “receita de bolo” ou ser entendido pra ouvir e gostar de música? Tem música pra todo gosto. Aquela que você ouve tocada pela sua banda de rock é diferente daquela tocada por uma orquestra, mas nada impede que, ao conhecer melhor a orquestra e a música clássica, você venha a gostar de ouvir...
- Música clássica? Escuta, isso tem a ver com aquilo que a professora estava falando sobre os períodos Clássico, Romântico da História da Arte?
- Tem e não tem.
- Como assim?
- Uai, tem porque existiu um período na música do Ocidente - mais ou menos entre a metade do século XVIII e início do XIX - que os entendidos classificaram como o período Clássico. A música feita nesse período é chamada de música clássica.
- Entendi!
- E não tem a ver porque, hoje em dia, música clássica pode ser entendida também como música erudita, sinfônica, de concerto – e não somente como a música feita naquela época.
- Bom, do jeito que você fala, parece que a coisa é simples. É só...

- ...é só estar a fim de conhecer e ouvir.
- Pois é, mas antes de qualquer coisa, preciso fazer este trabalho de Artes.
- Olha só. A professora disse que é pra daqui a três semanas, certo? Então. Tenho uma proposta. Daqui a pouco tenho ensaio com a orquestra juvenil; você quer vir comigo para assistir?
- Ué!? Mas você toca numa orquestra? Eu sempre vi você cantando no coro da escola... Mas orquestra? Essa é nova. Não conhecia este seu lado...
- Então tenho muitas novidades pra você. Pega suas coisas e vem comigo.
- Mas, mas...
- Ah, vamos lá! Quer coisa melhor do que iniciar um trabalho sobre orquestra assistindo a um ensaio “ao vivo”?





Segunda-feira, 21h05

Você ainda não sabe, mas meu nome é André. Não sou nerd, portanto, nenhum gênio da Matemática ou coisa parecida. Gosto de internet, cinema, mídia social, celular – só que este aí vive sem crédito.

Sou um aluno mediano e até que esforçado. Gosto mesmo é de uma telinha rodando um vídeo de música. Aliás, adoro pesquisar novas bandas, conhecer novos tipos de música. Santa internet! Dá pra achar vídeo de tudo quanto é banda! E foi numa dessas idas ao laboratório de informática da escola pra pesquisar na internet que as coisas começaram a mudar. Levei um susto quando vi a Anna. Nem tinha notado ela chegando por ali... Só sei que ela fez toda a diferença naquele dia.

André



- Ei, Anna. O que você tá levando nesta maleta aí?
- Meu instrumento musical, ora.
- É mesmo? E o que você toca?
- Toco oboé!
- Obo... o quê?
- Oboé, André. É um instrumento de sopro.
- Eu conheço a flauta, aquela de metal. Mas do oboé eu nunca tinha ouvido falar.
- Quer ver como é? Deixa eu te mostrar... espera aí que eu tenho que montar... Pronto! Olha só, uma das diferenças entre a flauta transversal, aquela que você deve estar falando, e o oboé é que, pra produzir som na flauta, você sopra em um orifício e, no oboé, no local onde você sopra tem duas palhetas de madeira amarradas. Olha aqui... Tá vendo? Isso faz toda a diferença, pois essa palheta dupla é responsável também pelo timbre, que é a propriedade do som que faz com que você diferencie o som do oboé de qualquer outro instrumento. O timbre do oboé é único...
- Toca um pouco pra eu ouvir como é o som...
- Aqui no ônibus é meio complicado porque tenho que umedecer a palheta, preparar o instrumento antes de tocar, mas se você quiser ouvir, vou dar uma dica. Você que gosta de filme, tem um que a trilha é de um compositor italiano, o Ennio Morricone. O nome do filme é *A Missão*, inclusive, um dos personagens toca oboé. Você assiste a um filme premiado e de quebra escuta o som do oboé. Que tal?
- Boa. Tô começando a gostar dessa história de instrumentos da orquestra...
- E tem muito mais. O fagote e o contrafagote – que são outros instrumentos de sopro da orquestra e que produzem um som mais grave que o oboé, mas seus timbres são

diferentes. Tem ainda o clarinete, o clarone, que possui um som mais grave que o clarinete...

– E todos eles fazem parte da orquestra?

– Sim. Veja só: o coro da escola é formado por vários cantores, certo?

– É verdade, mas o que tem a ver?

– Então... a orquestra também é formada por um conjunto de músicos, só que de instrumentistas. Ela é organizada em diferentes grupos, naipes ou famílias de instrumentos. Todos estes que eu falei fazem parte do grupo das madeiras.

Alguns chamam também de “família” das madeiras.

– Engraçado isso. Conheço a família dos “Pereira”, dos “Silva”, dos “Souza”...

– Pois é, mas se você pensar que cada família dessas que você conhece tem alguma coisa em comum é fácil imaginar as famílias que existem numa orquestra.

– E o que a família das madeiras tem em comum?

– É formada por instrumentos que são feitos de madeira.

– Ué!? Mas você não disse que a flauta que eu falei era da família das madeiras?

– É isso mesmo. Só que, no início, quando surgiu a



orquestra como conhecemos hoje, os instrumentos eram um pouco diferentes. Alguns não mudaram tanto. Já outros... A flauta transversa, por exemplo, era feita de madeira...

– Legal... Nossa, e todos são instrumentos de sopro?

– Sim, mas tem mais. Tem o trompete, a trompa, o trombone e a tuba, que fazem parte da família dos metais.

– Nossa, a orquestra é grande mesmo, hein?

– E não acaba aí. Tem também a família das cordas, que é a maior da orquestra, com violino, viola, violoncelo e contra-baixo. São instrumentos que produzem som por meio de cordas tocadas com um arco, ou mesmo beliscando com os dedos, o que se chama "*pizzicato*"; tem a família da percussão...

– É muita gente tocando... Eu tentei montar uma banda com o Pedro, o Marcos e o João. Pra gente se acertar nos ensaios não foi fácil não. Imagine todos esses músicos...

– Pois é, mas daí entra o maestro na história... Ei! Temos que descer. Meu ponto é o próximo. Vamos.

– Mas, e o maestro?

– Tá curioso, né? Calma, porque daqui a pouco você vai ver um maestro ensaiando a orquestra "ao vivo"... Vamos descer aqui!

– Vamos.



Terça-feira, 19h35

Ir ao ensaio da orquestra ontem com a Anna foi demais! Já no ônibus, a caminho do teatro, ela me deu umas dicas sobre as famílias de uma orquestra. Depois do ensaio, ela me falou um pouco da família da percussão. Disse que tem instrumentos de tudo quanto é tipo: tem os tímpanos, que são tocados com baquetas, os pratos, o xilofone, o tantã e muitos outros. No ensaio, eu vi também um piano de cauda (não sabia que dentro do piano tinha uns martelinhos que batem nas cordas para produzir som) e uma harpa, que é um instrumento muito antigo, com 47 cordas e sete pedais.

Ver e ouvir todos esses instrumentos tocados "ao vivo" foi muito legal...

André





- Hein? Não tô escutando. FALA MAIS ALTO!
- ...
- O trânsito tá muito barulhento! Tem que esperar o sinal fechar. O SINAL!
S-I-N-A-L!
- ...
- HEIN? Não adianta abanar as mãos. EU NÃO TÔ ENTENDENDO NADA!
- ...
- Fechou! Tô indo. TÔ INDO!
- ...
- Ô Anna, eu do outro lado da rua e você fazendo um monte de gestos. Não estava entendendo nada!
- Oi. É que eu estava tentando dizer para você atravessar no outro sinal pra gente tomar um suco ali na esquina antes de ir para o cinema. Ainda temos tempo...
- Aaaah... Agora entendi. Mas aquelas mãos balançando não tinham nada a ver com “atravesse no outro sinal pra gente tomar suco”!
- Tudo bem... Vamos indo...
- Ei, você ficou chateada?
- Ah, não sei... Como vou ser maestrina se não consigo me fazer entender usando gestos?
- Maestrina. O que é isso?
- É o feminino de maestro.
- Mas você não é... como se diz mesmo? Ebo.. ísta?
- Não, é oboísta, André. Sou oboísta, sim. Mas eu queria estudar pra ser maestrina.
- E o que tem de tão importante no gesto do maestro?
- Uai. Você não viu ontem, no ensaio da orquestra?
- Vi que ele falava alguma coisa e durante a música mexia

os braços segurando numa das mãos uma... uma...

– Batuta.

– Batuta. Isso. Aliás, foi a primeira coisa que te perguntei depois do ensaio, lembra?

– Pois então. O maestro se utiliza dos gestos para se comunicar com os músicos durante a música.

– E todos entendem?

– Sim. Por meio deles, o maestro dá várias informações para os músicos da orquestra.

– Mas que tipo de informações?

– O andamento da música, isto é, se ela deve ser tocada mais lenta ou mais rápida; a dinâmica, que tem a ver com a intensidade do som, com produzir um som mais forte ou mais fraco; e também podem indicar o instrumento ou instrumentos que devem ser tocados durante a música.

– Ei, mas como é que o maestro sabe essas coisas...

– Tá escrito na partitura.

– Lá vem você, Anna, com essas palavrinhas estranhas...

– Não tem nada de estranho. É que os compositores de música clássica, quando compõem para orquestra, escrevem no papel o som que eles imaginam para cada instrumento, ou seja, a notação musical: o tom, a duração dos sons, as pausas etc. Partitura é o nome que se dá à música “escrita” para todos os instrumentos da orquestra. O maestro lê e estuda a partitura para poder orientar os músicos.

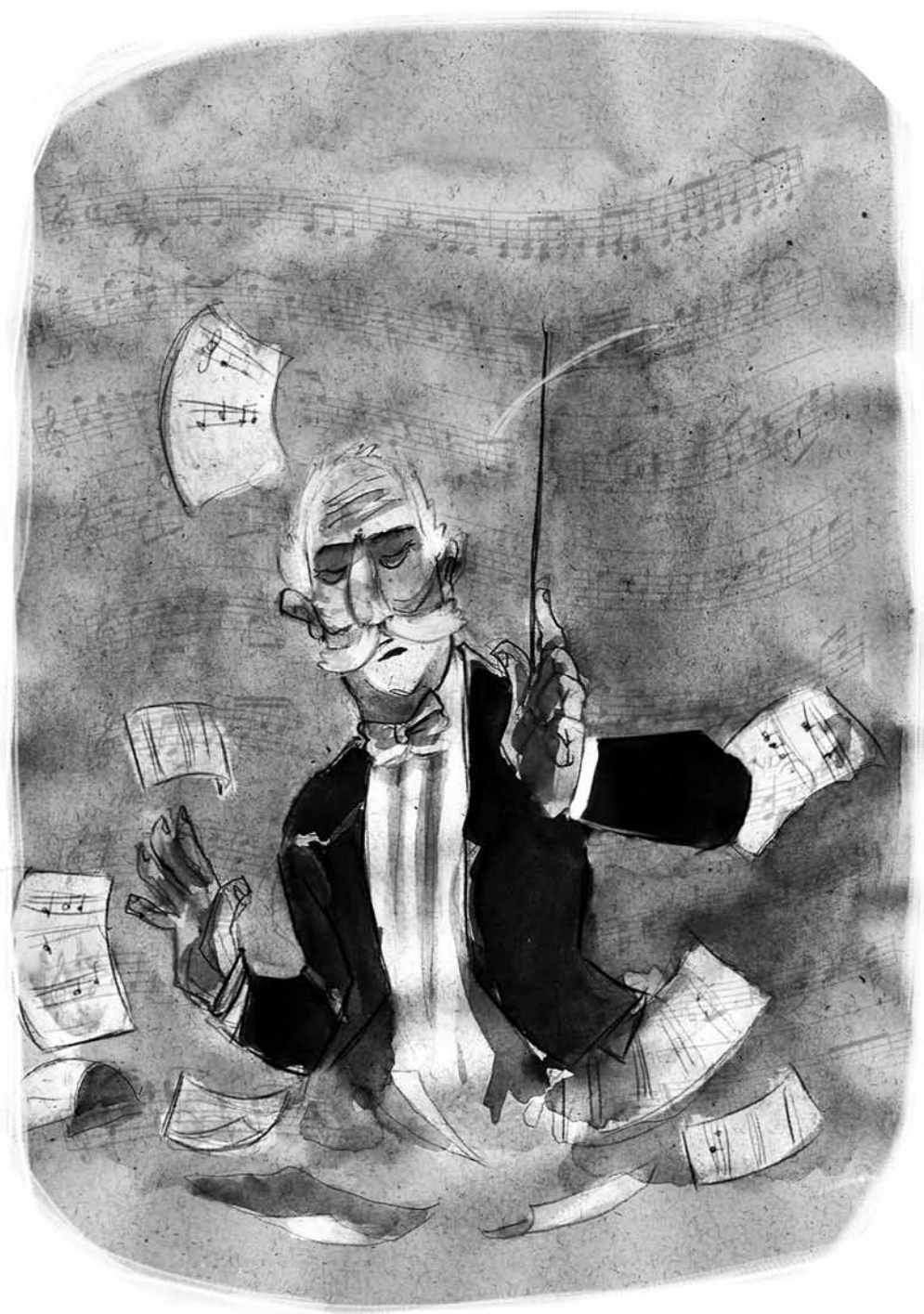
– É... Eu notei mesmo que o maestro estava lendo alguma coisa... Mas você também estava lendo!

– É verdade. O que eu estava lendo foi retirado da partitura do maestro, mas só a parte do oboé. Aliás, se chama “parte” esse registro sonoro separado para cada instrumento.

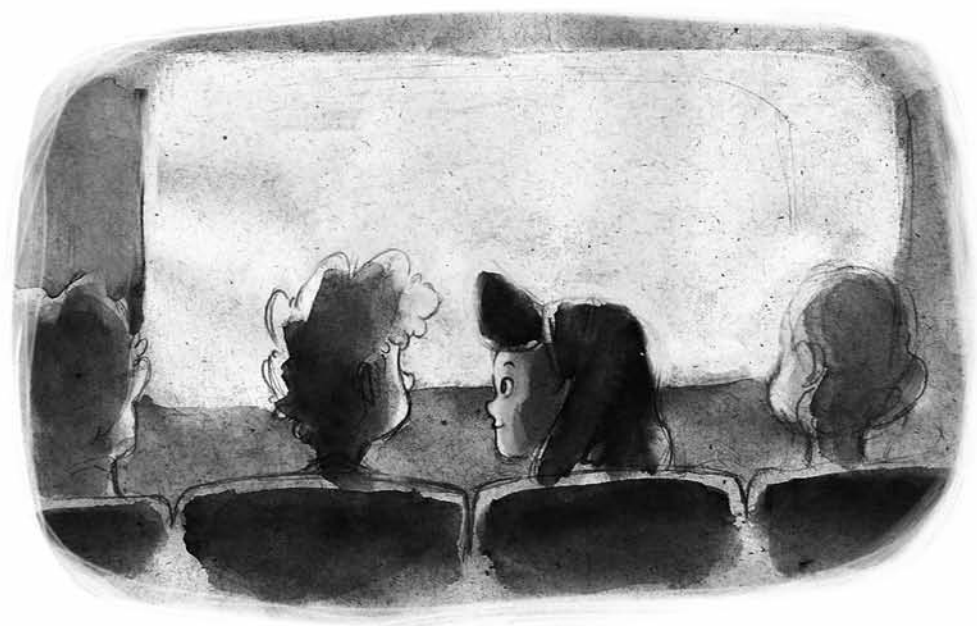
– Humm. “Registro sonoro”. Daqui a pouco vou ter que andar com um dicionário pra falar com você.

– Ah, André. Que bobeira!

– Mas esse negócio de escrever a música no papel é legal, né? Até um instrumentista de outro país pode tocar o que você compôs – mesmo não falando o seu idioma. Demais!



- A orquestra juvenil toca música de vários países, feita há mais de 200 anos, porque essa música foi escrita. E tem muita música legal... Lembra lá do ensaio?
- Depende do que...
- Quando o maestro parava a música e orientava os músicos sobre a maneira de interpretar?
- Lembro.



– Então. O maestro quando estuda uma partitura, vai fundo nela. Pra ele pensar numa interpretação bem legal de uma música feita há muito tempo, por exemplo, ele considera a época e o local em que viveu o autor, o que ele escreveu na partitura e muitas outras coisas.

– Puxa, mas o maestro tem que estudar muito...

– Todo músico, se quiser tocar bem, tem que estudar. E o maestro precisa se preparar muito bem pra poder coordenar os ensaios e os concertos.

– E você ficou chateada por causa de um gesto seu que eu não entendi? Ah, Anna, no meio de tanto estudo, aprender a se comunicar por gestos vai ser moleza. Você não acha?

– É. Você tem razão. Ainda posso me tornar uma maestrina!

– Só que o assunto agora é cinema.

– Ih, André. Estamos em cima da hora. O suco vai ter que ficar pra depois.

– Suco? Eu precisava de uma vitamina pra ir “voando” até o cinema. Será que vai dar tempo?

Quarta-feira, 20h45

Hoje fui ao cinema com a Anna. Acho que ela ficou chateada com o que eu disse sobre não entender o que ela queria me dizer por meio dos gestos...

O filme foi bem legal. Depois, perguntei pra Anna por que, quando no filme aparece um maestro entrando no palco para reger a orquestra, ele cumprimenta um só músico. Ela me disse que aquele era o *Spalla*, um violinista, que fica logo à esquerda do maestro. Ele é o dirigente da família das cordas e também, quando necessário, faz solos de violino. Mas não é só isso. O *Spalla* é como se fosse um “representante da orquestra”. É por essa razão que, ao entrar ou sair do palco, o solista e o maestro o cumprimentam.

Conversar com a Anna é assim mesmo. Muitas novidades musicais [e a gente nem vê o tempo passar].

André



- Hummm, tá bom isso! Eu estava com fome.
- Pô, nem fale. Esse pão que eu trouxe pra lanchar está muito bom...
- Ô Anna. Sabe que eu não consegui esquecer aquele ensaio da orquestra que você me levou na segunda-feira?
- Ah, é? Você gostou?
- Gostei. Mas eu fiquei pensando uma coisa. A música clássica é um tipo de música diferente da que estamos acostumados a ouvir na rádio, na internet. A música clássica é somente tocada por orquestra?
- Não. Ela pode ser tocada por conjuntos ou grupos menores que a orquestra. Mas também maiores, quando você junta orquestra e coro, por exemplo.
- É, porque... se você pensar bem, tem bandas de rock com três, quatro, cinco músicos. Tem também grupos de samba de diferentes tamanhos. Vê a escola de samba, por exemplo! Se você somar os puxadores mais a bateria inteira no momento do desfile, pode até ficar maior que uma orquestra...
- Pois é. Na música clássica, conforme o tamanho do conjunto musical, você pode diferenciar a música sinfônica da música de câmara.
- E como é isso?
- A música sinfônica é a música feita para um conjunto grande, para uma orquestra tocar. A música de câmara é aquela feita para pequenos grupos. Conforme a quantidade de músicos, você chama de "duo" – dois músicos –, "trio" – três –, "quarteto" – quatro... e assim por diante.
- E se eu quiser diferenciar uma grande orquestra de uma pequena?
- Daí você pode chamar a pequena de "orquestra de câmara". Se você procurar na internet, vai encontrar, por

exemplo, várias pequenas orquestras formadas somente por instrumentos de cordas. São as orquestras de cordas.

– Isso vale pra quarteto?

– No caso do quarteto, se for formado somente por instrumentos da família das cordas, você pode chamá-lo de quarteto de cordas...

– Mas por que câmara? Tem a ver com máquina fotográfica, câmara de vídeo?

– Hiiii... Agora você me pegou.

– Tudo bem, eu procuro no dicionário depois.

– “Não deixe pra depois o que você pode fazer agora”.

Vamos, porque também estou curiosa!

– Ei! Mas aonde você vai?

– Descobrir o que significa “câmara”. Tenho certeza de que não tem nada a ver com câmara fotográfica nem de vídeo.



- Escuta. Já, já vai terminar o intervalo. Temos que voltar pra sala de aula.
- É rapidinho.
- Ei! Já sei aonde você vai. Anna, não dá pra comer na biblioteca.
- Você tem razão. Termino antes de entrar. É meu último pedaço mesmo... Pronto! Huum... isso estava bom mesmo!
- Vamos naquela máquina ali... Tem um site de pesquisa que é bem legal – e de confiança.
- Então vamos ver...
- Ai! Olha só... Tem a ver com um espaço pequeno.
- Faz todo sentido, André. Pequenos grupos para pequenos espaços. É isso!
- Escuta! É o sinal. Temos que voltar pra sala de aula.
- Ah, André... Mas agora que o papo estava esquentando?



Quinta-feira, 18h15

Gostei muito da conversa que tive com a Anna hoje na hora do intervalo da aula, sobre música sinfônica e música de câmara. Pesquisei depois e descobri mais coisas interessantes.

Vi um vídeo na internet com coro e orquestra juntos e fiquei com vontade de ver uma apresentação assim. E eu que pensava que todo coro era parecido com o da escola: só música popular.

Tem a ópera também, em que a música é feita para uma apresentação num teatro, com cenário e tudo. É um grande espetáculo.

Entendi também que a orquestra pode acompanhar um solista, que pode ser cantor ou músico que toca muito bem o seu instrumento e se destaca em determinados trechos da música.

É, pelo jeito, ainda tenho muito mais coisas para descobrir.

André



- Garçom, você pode me trazer mais uma garrafinha de água mineral?
- Puxa! Desse jeito você vai acabar com a água da cidade!
- Essa balada tá muito divertida, Anna. Nunca dancei tanto!
- Tá treinando pro aniversário da Glorinha?
- Por falar nisso, já dancei com a Glorinha hoje. E agora com você!
- E ela dança bem?
- liiih... Tô sentindo um clima...
- Ô, André. Não tem nada a ver, viu?
- Ah... ela dança no ritmo da música. Aliás, duvido que exista música clássica para orquestra com ritmo de dança...
- E se eu disser que existe!
- Existe? Bom, daí essa história eu quero ouvir direito.

A gente senta aqui e você me conta.

– Ufa! Eu precisava mesmo dar uma paradinha.

– Eu também. Mas então me diz aí um ritmo de dança muito conhecido na música clássica!

– Minueto.

– Minueto? Os compositores fazem minueto para os músicos da orquestra dançarem?

– Não, seu bobo. O minueto é uma dança muito antiga francesa, de origem popular, mas na moda entre os aristocratas nos séculos XVII e XVIII.

– E até hoje as pessoas dançam essa música?

– Não. No caso da música para orquestra, o que aconteceu é que no século XVIII o minueto foi estilizado e virou uma parte da sinfonia, por exemplo – que é um tipo de música para orquestra –, e deixou de ser música para dançar...

– Deve ser muito estranho mesmo dançar do jeito que eles dançavam naquela época... Imagina se eu dançasse como meu avô? Ia pagar o maior mico aqui na balada...

– É, mas nem tudo que é antigo é ruim, assim como nem tudo que é atual é bom...

– Anna, “a filósofa”!

– Olha só, você não gostou das músicas que a orquestra tocou no ensaio?

– Gostei.

– Então. São músicas feitas há muito tempo... Compor pra orquestra é coisa antiga e as músicas de outras épocas continuam sendo tocadas, assim como aquelas que são feitas hoje.

– “é o passado e o presente convivendo na atualidade”!

– André, “o filósofo”!

– Mas a orquestra existe há quanto tempo?

– O André “filósofo” também faz pergunta difícil! Não sei. Temos que pesquisar depois.

– Como diz “a filósofa” Anna: “por que deixar pra depois se podemos fazer agora”?

– E como você vai fazer pra pesquisar, espertinho?

- Aqui tem internet de graça. Apesar de ser pré-pago, meu celular tem *wireless*... Vamos ver se dá certo... Ôpa! Vamos colocar aqui “orquestra” e escolher um site de confiança.
- Muito bem! Escolhe aquele que a gente usa pra pesquisar na escola...
- Hum... Tá aqui, ó: “Podemos dizer que somente há mais ou menos 300 anos a orquestra foi organizada segundo o conjunto de instrumentos de cordas, madeiras, metais e percussão. Nesse período de tempo da História da Música, o homem foi modificando sua forma de fazer música para orquestra”.
- Lembra-se da aula de Arte? Isso quer dizer que desde o período Barroco – passando pelo Clássico, Romântico e século XX – até chegar à Música Contemporânea, que é a música feita nos dias de hoje, os compositores pensaram em formas diferentes de organizar os sons, de criar músicas para a orquestra – o que resultou no que a gente chama de formas da música orquestral.





- E tem várias formas da música orquestral?
- Tem sim. Uma delas é a sinfonia. Como eu disse a você, antigamente o minueto fazia parte da sinfonia.
- Mas eu não entendi isso... Era minueto ou sinfonia?
- Existem algumas formas musicais que dividem a música em partes. Essas partes são diferentes entre si, pois cada uma deve ser tocada de uma maneira, que pode ser mais rápida ou mais lenta, isto é, pode ter um andamento mais rápido ou mais lento. Essas partes da música, com diferentes andamentos, são os movimentos.
- E o minueto era um dos movimentos da sinfonia?
- Isso mesmo. A sinfonia pode ter vários movimentos e, inclusive, não ter o minueto. Mas existem outras formas de música orquestral. Tem o concerto, que é uma obra pra um ou mais solistas e orquestra; tem a abertura, que geralmente é uma música criada para iniciar uma apresentação teatral, como uma ópera ou um musical; a serenata, que esteve na moda no período Clássico...
- Serenata? Minha avó disse que meu avô, antes de se casar, vivia fazendo serenata à noite, embaixo da janela dela.
- É, mas essa serenata de que eu estou falando é um pouquinho diferente de uma voz e um violão embaixo da janela da namorada. Essa forma orquestral tem esse nome

porque antigamente inspirava os compositores a fazerem uma música leve, alegre, para ser tocada à noite, ao ar livre – e é comum ter vários movimentos.

– Humm... Voz e violão embaixo da janela da namorada... Anna, sabe que você me deu uma boa ideia? Tem que ser namorada ou pode ser candidata a namorada?

– Não sei, nunca fiz serenata... Mas, por que você tá me perguntando isso?

– É que eu tive uma ideia e tava aqui pensando... E já que você está me levando pelos caminhos da música clássica...

– Agora falou o poeta.

– ...você poderia me ensinar sobre serenata.

– Sei. Tô entendendo... Essa serenata de que você tá falando não tem muito segredo, não. Tocando violão e sabendo cantar algumas músicas, já é um começo!

– Anna, por falar em instrumento, sabe que depois que eu assisti ao ensaio da orquestra eu tenho escutado muita música com metais? Adorei os metais!

– É, mas se você quiser fazer serenata pra sua candidata a namorada com a seção de metais da orquestra, você vai matá-la de susto.

– É sério, Anna. Tem algum tipo de música composta para os metais?

– Tem, sim. A fanfarra.

– Então dá uma dica de uma música clássica para metais para eu escutar!

– Ouve a *Fanfarra para um homem comum*, do compositor norte-americano Aaron Copland. Sabia que ela foi feita durante a Segunda Guerra Mundial, e a ideia do compositor, na época, era provocar o sentimento patriótico do povo americano?

– Não sabia, não... E você, Anna, sabia que, ao invés do sentimento patriótico, esta festa está provocando um tipo de sensação muito forte em mim?

– Sério, André? E... que tipo de sensação muito forte é essa, hein?

– De sede. Ô garçom, cadê minha garrafinha de água mineral?

Sábado, 00h10

Como dancei na festa da escola! Foi muito bom me divertir. Conversei um bom tempo com a Anna sobre música, principalmente sobre formas musicais para orquestra. Ela me deu até uma dica, de música para metais para eu ouvir. Na saída da festa, ela acabou me dando outra dica, que é a *Abertura Candide*, do compositor norte-americano Leonard Bernstein. Ela me disse que é uma abertura que foi composta para a opereta *Candide* e que começa com uma fanfarra – isso tudo porque eu disse pra ela que adorava metais!
Agora preciso dormir. Dancei e conversei demais!

André

PS. 1: Ainda bem que já é sábado, vou dormir muuuuito.

PS. 2: Essa Anna é muito legal, mesmo. Será que eu sou afinado? Será que eu consigo aprender algumas músicas que ela gosta e tocar no violão?



- Anna.
- Quê...
- Ô Anna... Você tá lindona.
- Você acha mesmo que eu tô linda?
- Puxa! Aonde você vai? Numa balada chic?
- Não, André. Você sabe que hoje tem apresentação da orquestra e eu vou tocar. Tem que ficar bonita, né?
- Mas precisa de tudo isso? Fui ver um show de uma banda na semana passada e os músicos não se vestiam assim...
- Mas é diferente, né?
- Uai, são músicos como você!
- Você tem razão. Mas tem várias formas de participar de uma apresentação musical. Conforme o tipo de música, o



lugar da apresentação... Dependendo da ocasião as pessoas se vestem e participam de maneira diferente. Num show de *heavy metal*, os músicos não vestem terno pra tocar, não é mesmo? Já os da bateria da escola de samba estão todos fantasiados. Se você reparar bem, a gente veste a roupa de acordo com a situação. Os músicos entendem que uma apresentação com a orquestra é uma ocasião especial. E aí ficam bem bonitos pra tocar.

– É... pensando bem... Se eu for ao aniversário de 15 anos da Glorinha de calção e chuteira ela me mata! Já no churrasco do Betão deste final de semana vou com o uniforme do meu time. Ele vai gostar – até porque torcemos pelo mesmo, heh, heh...

– ...então você acha que eu tô bonita, é?

– Tá sim. Vou começar a assistir à orquestra juvenil mais vezes. E toda vez que terminar a música vou assobiar e gritar: MUITO BEM, ANNA! LINDOOONA!

– Ô André, você não vai fazer isso, né?

– Por que não? Gosto de ouvir você tocar. Você toca bem. E se eu gostar muito da música que você tocou? Já sei! Você não quer pagar mico...

– É mico, sim. Mas também não é só isso. Tocar numa orquestra é tocar juntamente com outras pessoas. A orquestra toca bem quando cada um faz a sua parte e todos, com as

dicas do maestro, interpretam bem a música. Se a orquestra faz uma boa apresentação, o aplauso tem que ser pra todos os músicos que participaram – e, como você falou, só depois que terminar a música. E, olha... eu também te acho um gato... Mas, ô André, aquela história de você gritar, assobiar... É você quem vai pagar mico!

– Ué! Por quê?

– Não é só o jeito de vestir que muda de um show de uma banda para a apresentação de uma orquestra.

– Não?

– Não. A maneira de você dizer que está participando, gostando da apresentação quando vai num show de rock é cantar junto, mexer os braços, dançar... Num concerto é um pouco diferente. O silêncio durante a apresentação é muito importante para a concentração do maestro, dos músicos e da plateia também, para que todos possam ouvir cada detalhe da música, o som de cada instrumento...

– Quer dizer que, se eu gostar, não posso dizer nada e nem bater palmas? Que chato!

– Claro que pode. Olha, vou dar uma dica: depois de terminar a música aplauda com vontade e diga "bravo!", que todos vão entender que você curtiu muito o concerto...

– Sabe tudo essa Anna!

– A gente conversa mais outra hora porque ainda tenho que passar em casa para pegar o oboé antes de ir para o concerto. Aliás, hoje você disse que iria.

– Vou sim...

– André, você tá me deixando encabulada...

– Anna...

– Diga.

– Será que vou pagar muito mico se depois do "bravo!" eu gritar só "LINDOOONA!"?

– Ai, ai, André. Você não tem jeito mesmo, hein?

Segunda-feira, 18h20

Ontem, antes de ir para o concerto, a Anna passou lá em casa pra me emprestar um DVD da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Ela estava linda. E depois de todas as dicas dela, ouvir música clássica virou uma curtição. De ontem pra hoje, já vi três vezes esse DVD. Cada vez eu escuto algo que não tinha percebido antes. Isso me fez entender porque é tão importante o silêncio quando vamos ouvir um concerto... Se a gente não prestar atenção, deixamos de perceber detalhes que fazem toda a diferença na música.

Agora, chato foi, na hora do concerto, aquele sujeito sentado na minha frente... Por que ele não desligou o celular? Bem na hora do solo do violino, aquele celular começou a tocar sem parar. Achei legal uma mulher que chegou um pouco atrasada e ficou perto da porta, ali, quietinha. Ela esperou os aplausos no final da primeira música para procurar o seu lugar. Se ela não fizesse isso, ia atrapalhar todo mundo, pois o lugar dela era no meio da plateia. Já pensou? Mandou muito bem!

André



- Escreve aí que vai ser no próximo sábado, às dez horas, no auditório do colégio.
- Isso eu já escrevi. O que mais?
- Que vai ser muito, muito, muito legal. Para todos irem assistir.
- “Muito, muito, muito” é muito “muito”. Não dá pra escrever assim, Anna. Isso não está bom. Vamos fazer o seguinte: eu termino de escrever e mostro. Daí nós dois vemos se ficou bom o texto.
- Combinado... Ô André...
- Huum...
- Posso ver? É que eu sou muito curiosa... E também é a primeira vez que a orquestra em que eu toco vai se

apresentar no meu colégio...

– Só um pouquinho, Anna... Pronto! Dá uma olhada.

– Hum... Puxa, você escreve muito bem! Você podia ser escritor, jornalista... Ficou ótimo!

– Ô Anna, também não exagera, né?

– Sério. Passei pra você as informações sobre a orquestra juvenil, o concerto, as músicas e você fez o texto rapidinho... Ôba! Já temos o texto para a divulgação na escola e no bairro.

– Você acha mesmo que eu tenho talento pra isso?

– Olha só o que você escreveu! Você não acredita em mim?

– Claro que sim, Anna...

– Ué. Então você devia estar feliz por isso e não ficar com essa carinha de “sei lá”!

– Não é isso. É que eu gosto muito de música. Depois que você me mostrou a música clássica, fiquei mais animado ainda...

– Não estou entendendo onde está o problema, André.

– É que eu gosto de música e também de escrever. E se eu estudar música pra tocar na orquestra e descobrir que eu quero escrever?

– Daí você segue a carreira de escritor ou jornalista...

– Tá, mas e se eu estudar pra ser jornalista e descobrir que eu quero ser músico?

– Daí você estuda música, oras!

– Pois é. Esse é o problema. É uma coisa ou outra! Não tem outra opção.

– Você está enganado, André. Não é bem assim. Você pode ser jornalista e trabalhar numa orquestra.

– Como assim? Numa orquestra só tem músicos.

– Não, senhor. Você sabia que, além dos músicos, outros profissionais podem participar de uma orquestra?

– Além de músicos?

– Sim. São muitas pessoas que trabalham nos bastidores para que a orquestra possa realizar os seus concertos. Por exemplo, os montadores que preparam o palco para as



apresentações, o inspetor, o gerente, a equipe administrativa, o pessoal que divulga os concertos, as pessoas que cuidam das finanças, do relacionamento da orquestra com o público e patrocinadores.

– Eu nem imaginava isso! Acho que é porque, quando vamos a um concerto da orquestra, só vemos músicos no palco.

– Você tem razão. Mas saiba que existe toda uma equipe unida para que a orquestra possa realizar um excelente trabalho.

– E como eu posso ser jornalista e trabalhar numa orquestra?

– Ah, você pode cuidar da divulgação dos concertos nos meios de comunicação. Pode preparar matérias para os jornais, por exemplo.

- É mesmo! E assim eu fico perto das duas coisas que eu gosto: música e escrever.
- É isso.
- Agora você me animou, Anna! Aliás, você sempre me dá motivo pra eu ficar feliz...
- Que bom que você está animado... porque ainda falta uma coisa, André.
- O quê?
- Temos que preparar o programa do concerto.
- Aquele livreto que estavam entregando no saguão do teatro, no dia do concerto da orquestra?
- Isso mesmo.
- Que tem as músicas, os instrumentos utilizados na apresentação, o nome dos compositores, dos músicos, do solista, do maestro...
- É... e acho que achei a pessoa perfeita pra me ajudar nisso!
- Quem?
- Você,oras.
- Eu? Mas nunca fiz um programa de concerto!
- Sempre tem a primeira vez. Eu te dou as dicas, pego um de exemplo e, do jeito que você escreve bem, acho que pode ficar bem legal. Que tal?
- Muito legal...
- Acho que eu tenho aqui na minha bolsa o programa do último concerto da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais pra você dar uma olhada como é.
- Anna...
- Quê...
- Por falar em programa, que tal ir almoçar lá em casa no domingo? Minha mãe vai fazer lasanha. Ela cozinha muito bem!
- Acho uma boa ideia! Vou ver em casa.
- Depois eu podia te mostrar uns textos que tenho escrito no meu blog nesses últimos dias...
- Ah, é? Então, você tem um blog e nem me avisou?



Domingo, 22h

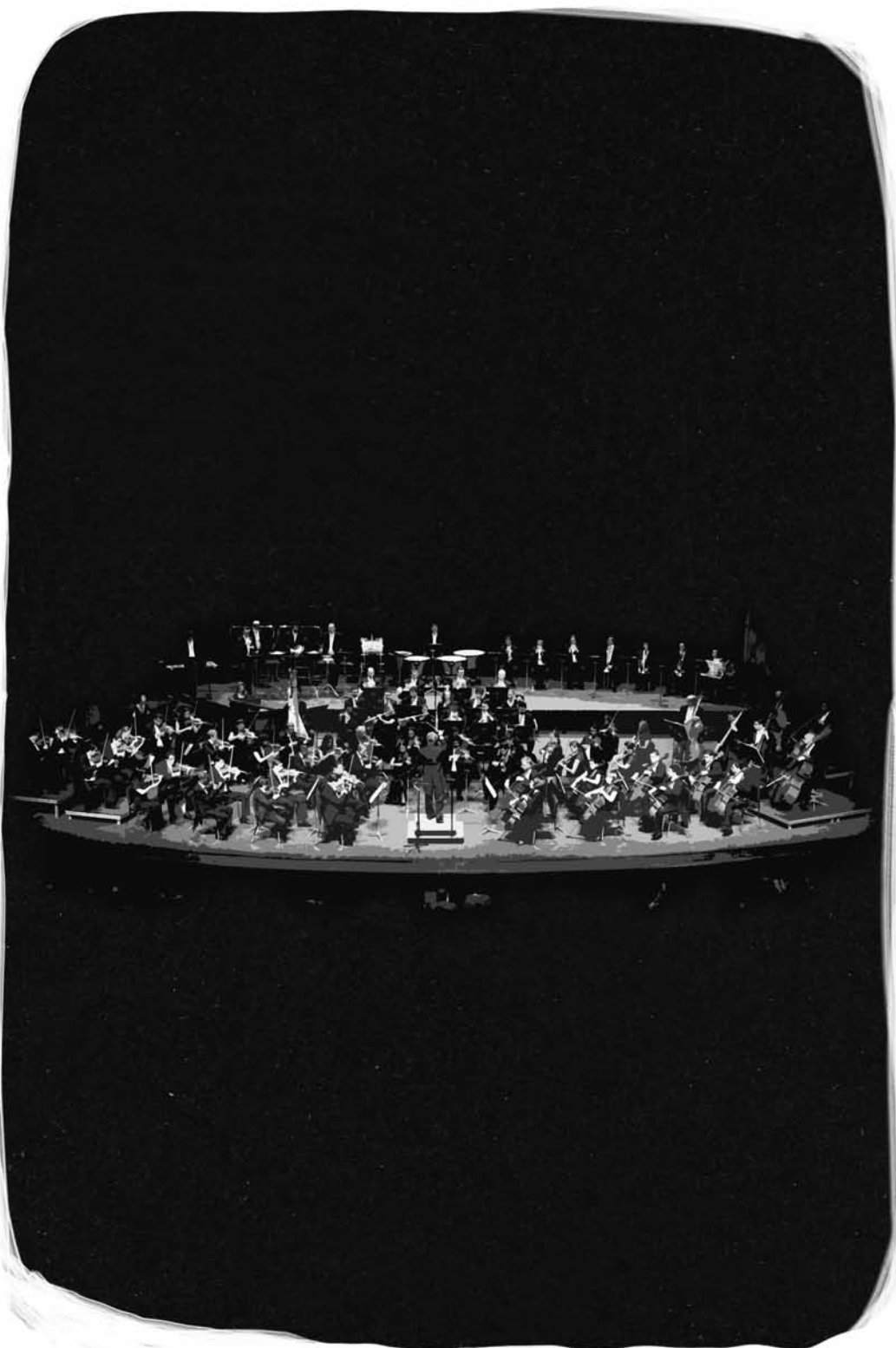
Passsei a semana passada inteira ajudando a Anna a divulgar a apresentação da orquestra juvenil. Valeu a pena. O concerto ontem foi um sucesso. Não sabia que uma orquestra dependia de tantos profissionais diferentes para realizar um concerto. Fiquei animado com a ideia de trabalhar numa orquestra.

Ah! O programa de concerto que fizemos juntos também foi um sucesso. Não sobrou nenhum!

Hoje a Anna veio almoçar aqui em casa. Mostrei meu blog e ela ficou surpresa com tudo o que leu. Disse que não sabia que as nossas conversas sobre orquestra tinham sido tão importantes para mim. Ela ficou feliz e disse que tinha gostado de ter sido lembrada no meu blog. Disse também que tem muito mais coisas ainda pra falar sobre a orquestra...

Pensando bem, se essa historia de orquestra é antiga, minha história com a Anna ainda nem começou...

André



ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS _ SETEMBRO 2012

Diretor Artístico e Regente Titular FABIO MECHELLI Regente Assistente MARCOS ARAKAKI

PRIMEIROS VIOLINOS

Anthony Flint
– spalla
Rommel Fernandes
– assistente de spalla
Ana Zivkovic
Arthur Vieira Terto
Bojana Pantovic
Eliseu Martins de Barros
Jovana Trifunovic
Marcio Ceconello
Martha de Moura Pacifico
Mateus Freire
Rodolfo Marques Toffolo
Rodrigo de Oliveira
Tiago Ellwanger

SEGUNDOS VIOLINOS

Frank Haemmer *
Leonidas Cáceres **
Gláucia de Andrade Borges
José Augusto de Almeida
Leonardo Ottoni
Luka Milanovic
Marija Mihajlovic
Radmila Bocev
Rodrigo Bustamante
Valentina Gostilovitch

VIOLAS

João Carlos Ferreira *
Roberto Papi **
Cleusa de Sana Nébias
Gerry Varona
Gilberto Paganini
Gláucia Martins de Barros
Marcelo Nébias
Nathan Medina
Katarzyna Druzd
William Martins

VIOLONCELOS

Elise Pittenger ***
Ana Isabel Zorro
Camila Pacífico
Camilla Ribeiro
Eduardo Swerts
Lina Radovanovic
Matthew Ryan-Kelzenberg
Pedro Bielschowsky
Robson Fonseca

CONTRABAIXOS

Colin Chatfield *
Nilson Bellotto **
Brian Fountain
Hector Manuel Espinosa
Marcelo Cunha
Valdir Claudino

FLAUTAS

Cássia Lima*
Renata Xavier **
Alexandre Braga
Elena Suchkova

OBOÉS

Alexandre Barros *
Ravi Shankar **
Israel Silas Muniz
Moisés Pena

CLARINETES

Marcus Julius Lander ***
Ney Campos Franco
Alexandre Silva

FAGOTES

Catherine Carignan *
Ariana Pedrosa
Andrew Huntriss

TROMPAS

Evgueni Gerassimov *
Gustavo Garcia Trindade **
José Francisco dos Santos
Lucas Filho
Fabio Ogata

TROMPETES

Marlon Humphreys *
Erico Oliveira Fonseca **
Daniel Leal

TROMBONES

Mark John Mulley *
Wagner Mayer **
Renato Lisboa

TUBA

Eleilton Cruz *

TÍMPANOS

Patricio Hernández Pradenas*

PERCUSSÃO

Rafael Alberto *
Daniel Lemos **
Werner Silveira
Sérgio Aluotto

HARPA

Giselle Boeters *

TECLADOS

Ayumi Shigeta *

GERENTE

Jussan Fernandes

INSPETORA

Karolina Lima

ASSISTENTE

ADMINISTRATIVO
Débora Vieira

ARQUIVISTA

Sergio Almeida

ASSISTENTES

Ana Lucia Kobayashi
Gisely Nascimento
Klênio Carvalho

SUPERVISOR DE

MONTAGEM
Rodrigo Castro

MONTADORES

Carlos Natanael
Jussan Meireles
Luan Maia

* chefe de naipe

** assistente de chefe
de naipe

*** chefe/assistente
substituto

INSTITUTO CULTURAL FILARMÔNICA _ SETEMBRO 2012

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente – Diomar Silveira
Diretor Administrativo-financeiro – Tiago Cacique Moraes
Diretora de Comunicação – Jacqueline Guimarães Ferreira
Diretor de Marketing e Relacionamento – Thiago Nagib Hinkelmann
Diretor de Produção Musical – Marcos Souza

EQUIPE TÉCNICA

Gerente de Comunicação – Merrina Godinho Delgado
Gerente de Produção Musical – Claudia Guimarães
Produtora – Carolina Debrot
Produtor – Luis Otávio Amorim
Produtor – Narren Felipe
Analista de Comunicação – Andrea Mendes
Analista de Comunicação – Clausius Guimarães
Analista de Marketing de Relacionamento – Mônica Moreira
Analista de Marketing e Projetos – Mariana Theodorica
Assistente de Comunicação – Mariana Garcia
Auxiliar de Produção – Lucas Paiva

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Analista Administrativo – Eliana Salazar
Analista de Recursos Humanos – Quézia Macedo Silva
Analista Financeiro – Thais Boaventura
Secretária Executiva – Flaviana Mendes
Auxiliares Administrativos – Cristiane Reis, João Paulo de Oliveira e Vivian Figueiredo
Assistente Contábil - Adilton Nunes Lima
Recepcionista – Lizonete Prates Siqueira
Auxiliar de Serviços Gerais – Ailda Conceição
Mensageiro – Jeferson Silva

fILARMÔNICA
ORQUESTRA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR

Rua Paraíba, 330, 12º andar, Funcionários
CEP 30130-917, Belo Horizonte, MG
Tel. 31 3219 9000 fax 31 3219 9030
contato@filarmonica.art.br
www.filarmonica.art.br



PATROCÍNIO

INCENTIVO

REALIZAÇÃO

USIMINAS 

 **Lei Estadual
de Incentivo
à Cultura**
CULTURA FAZENDA

 INSTITUTO CULTURAL
FILARMÔNICA

 **GOVERNO
DE MINAS**

CULTURA